

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Curso de Pedagogia

Ana Carolina Maciel Ferreira

Beatriz Gomes Modesto

Profa. Dra. Milena Moretto

O AUTORITARISMO DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Itatiba

2022

A pedagogia tem de ser forjada com ele (o oprimido) e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.

(FREIRE, 2004, p. 32)

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que nos apoiaram, nos orientaram e incentivaram, e, especialmente, a Deus.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a nossa maior apoiadora: nossa orientadora Profa. Dra. Milena Moretto, por nos auxiliar na construção deste trabalho, sempre com muita paciência, compreensão e de forma solícita, uma das luzes que iluminou nosso caminho em um momento de tanta ansiedade e desafios.

Agradecemos a nossa família, amigos e entes queridos que se mostraram dispostos a ajudar e incentivar mesmo quando pensamos em desistir.

Agradecemos também a todos os professores democráticos exemplares que passaram por nossa vida, seja na educação básica quanto no ensino superior, por nos mostrarem que o autoritarismo não é o caminho para uma educação libertadora.

Agradecemos ainda aos professores autoritários por nos inspirar a realizar a construção de tal artigo e serem grandes exemplos do caminho que não queremos seguir em nossa carreira docente.

Agradecemos por último, mas não menos importante, a Deus, por nos abençoar com tantas pessoas maravilhosas e com a oportunidade de poder fazer diferente, de sermos exemplos a serem seguidos e formadoras que espalhem o amor, a harmonia e o respeito.

O AUTORITARISMO DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

ANA CAROLINA MACIEL FERREIRA¹

RA 002201800884

BEATRIZ GOMES MODESTO²

RA 002201801644

RESUMO

A relação entre docente e discente é uma parte significativa do processo que constitui a aprendizagem do ser humano. É por meio da mediação do professor que o conhecimento é construído. Todavia, é muito comum ainda a utilização de discursos autoritários no contexto educacional, em especial, como tentativa de controle para minimizar as questões vinculadas à indisciplina. Isto ocorre porque o trabalho pedagógico pressupõe um jogo de imagem em razão de uma relação assimétrica de poder, na qual aquele que ensina - o docente - exerce uma autoridade sobre aquele que aprende - o aluno. Esta autoridade advém do papel social do professor e também do domínio que este possui do conteúdo com o qual está trabalhando. Considerando esse contexto, o presente trabalho tem por objetivo compreender, a partir das vozes de alunos e professores, como eles percebem a relação professor-aluno e de que forma essa relação os afeta. Tem ainda como objetivos específicos: 1) compreender as marcas da relação professor-aluno na história desses sujeitos; 2) identificar como eles veem a questão da autoridade no contexto escolar. Tendo em vista tais informações, esta pesquisa visa responder à seguinte questão: quais os efeitos que uma postura docente autoritária pode causar nos sujeitos? Para responder a essa questão, a pesquisa foi desenvolvida, por meio de uma entrevista semiestruturada com professores que ministram aula nos anos iniciais e um ex-aluno da escola em que esses professores trabalham. Nossas análises demonstram que, ainda nos dias atuais, o autoritarismo está, mesmo que camuflado, presente no contexto educacional, e suas marcas são deveras negativas para os alunos educados nesse regime ditador.

Palavras-chave: autoritarismo; autoridade docente; relação professor-aluno.

INTRODUÇÃO

Desde a infância sempre admiramos muito a profissão docente. Muitos professores serviram de modelo e inspiração, entretanto também houve aqueles que deixaram marcas dadas as suas formas de conceber a educação e o ensino e que, de forma traumática, ainda são louvados. A posição de um educador oferece grande poder sobre seus educandos, se trata especificamente de uma relação de admiração e

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

² Aluna do curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, Campus Itatiba.

enorme influência e é com grandes poderes que vêm acompanhadas as grandes responsabilidades.

Dentro de sala, o docente representa uma figura imponente e de autoridade, algo que nos é ensinado desde a infância e como qualquer outra figura de autoridade, exige enorme respeito. Infelizmente, tais características quando combinadas podem assumir a forma deste grande mal chamado autoritarismo, seja por conta de uma formação profissional ou por princípios éticos e morais equívocos.

O docente que assume uma postura autoritária, muitas vezes, não se dá conta das consequências negativas para o desenvolvimento psico-cognitivo, de socialização e de confiança de seus alunos.

O tradicionalismo brasileiro defende fortemente os métodos de ensino pautados no autoritarismo, métodos esses que remetem a políticas de repressão, opressão e censura, sem quaisquer embasamentos positivos.

Apesar de estarmos no século XXI, esse tipo de abordagem continua crescendo dentro das instituições escolares e pouco se fala sobre o mesmo. Nesse sentido, a questão que norteia este trabalho é: quais os efeitos que uma postura docente autoritária pode causar nos sujeitos?

Temos, nesse sentido, como objetivo geral compreender, a partir das vozes de alunos e professores, como eles percebem a relação professor-aluno e de que forma essa relação os afeta. Além disso, temos como objetivos específicos: 1) compreender as marcas da relação professor-aluno na história desses sujeitos; 2) identificar como eles veem a questão da autoridade no contexto escolar.

Para isso, realizamos uma entrevista semiestruturada com dois professores e um estudante de uma escola privada.

O corpo deste trabalho é constituído, além da introdução, da fundamentação teórica, na qual discutiremos sobre quais as teorias que dão base para realização de nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos a metodologia em que explicamos sobre os procedimentos que foram utilizados para produção e análise dos dados. Posteriormente, apresentamos as análises das entrevistas realizadas com professores e ex-aluno do ensino fundamental, seguidas das nossas considerações finais.

1 Autoritarismo ou autoridade: o que impera na sala de aula?

Dentro da atual sociedade, capitalista e individualista, existe uma explícita hierarquia social a partir da qual se configuram todas as relações humanas, desde a

política até a mais singular relação entre os homens. Tais relações possuem uma premissa de autoridade, posição definida pelo poder ou direito de ordenar e decidir.

Em nossa própria vida escolar vivenciamos situações em que é claro que a pretendida relação de igualdade não se aplica a todos os sujeitos desse processo. Professores cobram determinadas condutas de seus alunos que, muitas vezes, por essas razões, vivenciam relações pautadas na obediência e no medo. Educadores que acreditam que, por possuírem tradicionalmente o papel central no processo de aprendizagem e por exercerem a função pedagógica de determinar normas de conduta, não necessitam ouvir seus alunos. Agindo assim, eles não exercem a autoridade que sua função pressupõe, mas acabam sendo autoritários, percebendo e admitindo somente o seu ponto de vista.

Porém, a característica essencial da liderança autêntica, da autoridade democrática, é a renúncia da dominação - controle do comportamento dos outros que contraria aos objetivos da educação. Em uma via contrária, está a crença em uma superioridade inexistente e tradicionalista, que culmina em uma postura autoritária marcada pela censura e pela completa falta de liberdade de expressão. Freire (1996) esclarece que ainda confundimos autoridade com autoritarismo e licença com liberdade. Desta forma, a ignorância pode se tornar uma grande aliada do autoritarismo, auxiliando na reprodução deste tipo de comportamento dentro das escolas, afetando negativamente a relação entre aluno e professor e as relações de ensino-aprendizagem.

Quando o autoritarismo é imposto em sala de aula, devemos nos questionar qual seria a motivação implícita em tal reprodução. Segundo Fleuri (2001), a educação autoritária visa formar educandos que sejam obedientes e apenas reproduzam o conteúdo e ordens que lhes são passados, uma educação que priorize a classe dominante e perpetue o modelo atual de classe trabalhadora não-crítica.

O autoritarismo é o oposto extremo de educação que devemos buscar, vai contra toda e qualquer educação democrática que incentive os direitos igualitários e a formação de alunos críticos que busquem lutar por uma sociedade melhor. A opressão também está constantemente presente em uma relação autoritária, o que pode deixar marcas negativas no psicológico e subconsciente do oprimido. E, conforme nos menciona Paulo Freire (1996, p. 32) “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.

Constantemente podemos observar os docentes se colocando como únicos e absolutos protagonistas na construção do conhecimento. Freire (1987) aborda essa questão no que diz respeito ao professor tomar frente como narrador e pressupor o local do aluno como um engessado ouvinte ou como “depósito” de informações, a partir da famosa “educação bancária”. Esta se constitui como uma forma de educação de mão

única, faz alusão a uma conta bancária onde apenas se deposita o dinheiro, ou seja, o educador apenas “insere” seus conhecimentos em seus aprendizes, desta forma, se constitui uma educação baseada em reproduções e de efêmera eficácia.

A mera repetição dos conteúdos faz com que a educação perca a real significação, uma vez que promove o desinteresse dos alunos pela aprendizagem.

O conhecimento é para ser buscado, investigado, questionado, pois o aprendizado eficaz só acontece quando há reflexão e com ela, a construção do senso crítico e autônomo. Para que isso ocorra, o educando deve estar livre para se expressar e, participar verdadeiramente, como Freire (1987) explica, que os educandos saibam com os educadores, que sejam ativos neste processo.

Perseverar em práticas de educação bancária é uma ferramenta facilitadora para perpetuar comportamentos tirânicos e afetar prejudicialmente a busca pelo saber dentro e fora das instituições escolares, desde a Educação Infantil até os cursos de Graduação.

Em prol de uma educação democrática e libertadora

A democracia e a educação fazem parte do mesmo processo civilizatório, desde a Grécia antiga. A legislação brasileira defende que a Educação é um direito de todos, portanto, deve ser constituída pela presença de todos: alunos, corpo docente, corpo administrativo e demais funcionários, ou seja, uma instituição escolar democrática conta com a presença de toda a comunidade pela qual está cercada.

A educação é a maior aliada para o bom desenvolvimento de um país e para que isso aconteça devemos formar seres humanos pensantes e críticos, que sejam capazes de opinar e discernir sobre o melhor caminho a se seguir, no âmbito moral, ético e político, constituindo assim uma verdadeira nação unida e democrática, que inclua a todos de forma equalitária e justa.

Uma educação democrática deve levar em conta o contexto sociocultural de cada ser humano que a integra, se adaptando para respeitar individualmente e incluir verdadeiramente a história de todos. É a partir da real inclusão que se constrói uma educação libertária. Fleuri (2001) defende que uma prática de educação libertária não possui como sujeito apenas o chefe ou seu subordinado, mas engloba toda a comunidade, não se trata de um sujeito individual, mas sim de um sujeito coletivo.

Para que haja participação de todos é necessário que o corpo administrativo da instituição escolar, em conjunto com o corpo docente, proporcionem contextos propícios para dialogarem entre si com a comunidade. É preciso abrir espaço para que a comunidade adentre à escola, de modo literal e democrático, por meio de reuniões, conselhos, assembleias, entre diversas possibilidades de eventos abertos para todos.

A escola e a comunidade devem se ajudar, como uma relação recíproca e de via dupla, em que a escola procura saber sobre as necessidades da comunidade e de seus alunos e age de forma a realizar ações e transformações significativas no contexto social ao passo que a comunidade apoia a realização e divulgação dos eventos escolares, participando e promovendo a instituição. Tendo em vista tal objetivo, se faz necessária a criação de diferentes estratégias que

deverão ser essencialmente dialógicas e participativas. Isto não significa que deverão se suprimir os conflitos. Pelo contrário, é necessário criar condições para que todos possam exprimir e defender suas ideias e suas propostas. E, à medida que as tentativas (conscientes ou não) de ação individualista ou dominadora forem sendo desmascaradas e superadas, as atitudes de respeito, diálogo e participação poderão ir se amadurecendo. Isto, porém, não eliminará o conflito. Apenas o elevará ao nível em que ele pode se tornar fonte de dinamismo e criatividade e, portanto, elemento fundamental para a construção e crescimento dos grupos e da sociedade. (FLEURI, 2001, p. 75).

A escola e a comunidade devem caminhar lado a lado, se apoiando e trabalhando juntos para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, cultivando uma relação saudável, de extrema importância para a educação de seus aprendizes.

2 METODOLOGIA

A pesquisa “O autoritarismo docente no ensino fundamental” é de abordagem qualitativa e tem como objetivo compreender, a partir das vozes de alunos e professores, como eles percebem a relação professor-aluno e de que forma essa relação os afeta de forma geral. Tem ainda como objetivos específicos: 1) Compreender as marcas da relação professor-aluno na história desses sujeitos e 2) Identificar como eles veem a questão da autoridade no contexto escolar.

A motivação para desenvolver uma pesquisa em relação à temática do autoritarismo surgiu em razão de nossa experiência escolar estabelecida como alunas e estagiárias em que pudemos vivenciar e identificar diversas situações desconfortáveis e até humilhantes em que professores abusavam de seus poderes e de suas posições de autoridade para se estabelecerem como figuras autoritárias e, por vezes, até ditadoras.

A partir do momento que iniciamos o curso de Pedagogia é inevitável não relembrarmos desse contexto. Por essa razão é que buscamos compreender como os professores percebem a relação professor-aluno e de que forma essa relação os afeta.

Para isso, foi realizada uma entrevista semiestruturada com dois docentes e um ex-aluno, visando compreender quais os efeitos que uma postura docente autoritária pode causar nos sujeitos que a vivenciam. Os participantes dessa pesquisa foram:

Entrevistados ³	Categoria	Formação	Tempo de profissão	Tempo de entrevista
Maria	Professora	Pedagogia	14 anos	42 minutos
Renata	Professora	Letras	23 anos	32 minutos
Pedro	Aluno	Fotografia	—	37 minutos

Maria conviveu sempre com sua avó professora, o que a influenciou a ingressar na área da educação após seu técnico em enfermagem. A mesma conta que educar é algo que escolhe fazer todos os anos, mesmo possuindo outras opções de atuação. Contribuir para a formação de seus alunos da rede privada continua sendo seu objetivo.

Renata, em sua adolescência, ainda não estava decidida sobre o que estudar e após realizar um intercâmbio na Alemanha, optou pelo curso de Letras e ali se encontrou. Sempre gostou da Língua Portuguesa e desenvolveu, aos poucos, facilidade e atração pelo Inglês, disciplina a qual leciona hoje na rede privada e pública.

Pedro passou por muitas escolas diferentes, públicas e privadas, durante sua formação no Ensino Fundamental. cursou o Ensino Médio também em escola pública e, após se formar, partiu para a graduação em Fotografia. Hoje, Pedro trabalha como fotógrafo e publicitário na mesma escola privada que estudou em sua infância e que as duas outras entrevistadas lecionam.

Para a realização da entrevista, utilizamos o seguinte roteiro para os professores:

1. Conte-me um pouco de sua trajetória escolar e de como decidiu seguir o caminho da docência.
2. Conte-me um pouco se você vivenciou alguma cena de autoritarismo na escola.
3. Conte-me quanto tempo de atuação você tem no ensino fundamental.
4. O que é, para você, ter autoridade sem ser autoritário?
5. Já presenciou alguma situação de autoritarismo em sala de aula? Como lidou?
6. Qual a melhor maneira de lidar com a relação professor-aluno impondo o respeito devido sem ser autoritário?

³ O nome dos entrevistados são fictícios para preservar a identidade de cada um,

7. Quais os impactos que as ações de cunho autoritário podem acarretar para uma criança?
8. Você acha possível um professor ter autoridade sem ser autoritário? De que forma? Conte uma experiência vivida em sala de aula em que você utilizou a autoridade sem ser autoritário.

Com o ex-aluno seguimos o seguinte roteiro:

1. Conte-me um pouco sobre sua trajetória no contexto escolar.
2. Para você, o que é um professor autoritário?
3. Você já teve professores que se aproveitavam do "poder"? Conte-me a experiência.
4. Como você e seus colegas de sala reagiam a situações de autoritarismo?
5. O que essa situação causou para você?
6. Você acha possível um professor ter autoridade sem ser autoritário?
7. Quais professores te marcaram mais: autoritários ou democráticos? Por quê? Pode-nos contar uma experiência vivenciada?

A escola em que as professoras atuam e Pedro estudou possui uma estrutura física que propicia uma grande interação com a fauna e a flora, além de diversos ambientes para momentos lúdicos, ou seja, se trata de uma instituição que valoriza e incentiva a celebração da infância, chama a atenção por suas cores vibrantes e pela grande quantidade de árvores. Ao mesmo tempo, trabalham com um sistema de ensino eficiente, que valoriza a autonomia do educando e apresenta ferramentas tecnológicas e facilitadoras do aprendizado. Os momentos de lazer, investigação e construção do conhecimento caminham de forma conjunta.

Cabe ressaltar que, após as entrevistas terem sido realizadas, realizamos a transcrição dos dados e, seguindo os protocolos éticos, essa transcrição foi devolvida aos respondentes para que pudessem modificar, acrescentar ou retirar algo que desejassem. Após o aceite dos dados pelos depoentes, as entrevistas foram analisadas observando as convergências e divergências. A partir desses procedimentos, organizamos nossas análises em dois eixos temáticos a saber: 1) Como esses sujeitos concebem o autoritarismo escolar e 2) Como esse processo autoritário é marcado em sua história de vida.

3. AUTORITARISMO E EDUCAÇÃO: A TRISTE REALIDADE QUE DEIXA MARCAS

Nesta seção, apresentamos os dados produzidos por meio das entrevistas que se dará a partir de dois eixos temáticos: a concepção dos sujeitos sobre o autoritarismo escolar e como esse processo autoritário marca suas vidas.

Em relação ao primeiro eixo, a professora Maria relata que, no início de sua carreira, não tinha percepção de que algumas de suas práticas poderiam ser consideradas autoritárias quando diz

*Eu acho que no início da minha carreira **eu mesma já algumas vezes agi com autoritarismo**, eu acredito que eu buscava ali ter uma ordem na sala de aula, **de alguma forma eu acabava me espelhando nos exemplos que eu tive dentro da escola**, porque antes eu acho que a gente tinha mais esse autoritarismo presente em sala de aula, e era assim que as relações eram construídas, assim entre professor e aluno, eu acho que assim como o aprendizado era algo muito tradicional as relações também eram, porque o professor ele era uma figura de autoritarismo e não de autoridade, ele não construía, ele não investia nessa relação entre professor e aluno, então eu acho que era tudo muito mecânico, o aprendizado e a construção das relações né, eu acho que essa questão do autoritarismo tá ligado muito a uma questão cultural então eu mesma já presenciei, não! Eu mesma já me vi sendo autoritária lá no início da minha carreira! Eu era professora de educação infantil então eu tinha uma fala muito assim, eu me lembro de eu falando com um menino que tinha muitos problemas de comportamento, ele era muito agitado e eu trabalhava numa escola que tinha uma fonte e ele se ameaçava a jogar dentro da fonte, eu me lembro que assim, eu não queria aquilo para mim mas eu me vi fazendo isso, dizendo para ele: eu não estou pedindo, eu estou mandando, então essa é uma fala de autoritarismo e quantas vezes a gente ouviu isso ao longo da nossa vida escolar né, então eu acho que eu posso deixar relatado que eu mesma já agi com autoritarismo.*

Na fala da professora, nota-se uma reprodução de um comportamento autoritário vivido por ela em sua fase escolar: um comportamento advindo de uma cultura de gerações passadas, uma cultura de opressão, enraizada em uma sociedade capitalista que busca formar mão de obra qualificada e não cidadãos críticos, reflexivos, ativos e conscientes de seus direitos. No enunciado de Maria “*de alguma forma eu acabava me espelhando nos exemplos que eu tive dentro da escola*” emerge o que Paulo Freire sempre nos apresentou: o desejo do oprimido poder se tornar o opressor. O exemplo de um docente autoritário pode ser um acontecimento determinante na formação de seus alunos, conforme se apresenta no relato de Renata:

*Ah eu não vejo nem como autoridade, eu acho que existe uma hierarquia, eu acho que é isso que precisa às vezes ficar claro dentro da sala né, eu sempre entro na sala de aula não com sentido que todo conhecimento está só em mim né, então quando eu entro numa sala de aula eu tenho uma relação com os meus alunos, eu até faço com eles, principalmente os maiores Ensino Fundamental 2, eu faço uma espécie de contrato né, na verdade são combinados que a gente tem, e como eu levo impresso então eu falo para eles que é um contrato, onde eu acho que tem que ter né o respeito tanto de aluno, quanto de professor, **existe a hierarquia, eu sou a mais velha, eu sou a responsável por eles, então eles precisam entender isso**, que qualquer coisa que acontecer com eles naquele*

momento que eles estiverem ali comigo eu sou responsável, então eu converso muito sobre isso com eles, que dependendo da atitude deles eles vão me prejudicar, então eles têm que entender que eles têm que respeitar para que ninguém seja prejudicado, nem aluna e nem professor, eu tento trabalhar nessa linha, não acho que é autoridade mas eu deixo claro que eu sou a mais velha, eu sou a responsável, porque a gente sempre tem que fazer uma conta né.

Nesta fala fica explícita a influência negativa, exemplo de opressão e as marcas deixadas por uma educação inquestionavelmente autoritária. Ao voltar um olhar analítico para o passado da educação, percebe-se que a mesma ainda possui inegáveis resquícios do método tradicionalista bancário, determinado por uma posição docente dominante do conhecimento e, portanto, de todo o poder. Renata menciona que essa configuração educacional era dominante durante a sua formação quando relata o seguinte:

Eu tinha um professor que se você olhasse para o lado e ele achasse que você tava fazendo alguma coisa que não era o que ele tinha em mente, ele tacava a régua na carteira, dependendo quem era o aluno ele puxava a orelha, sacudia, isso acontecia assim, mas não tem só esse autoritarismo eu acho de físico né, eu acho que também tem o verbal, ele é muito maior né, de coagir, não permitir que o aluno tenha palavra, enfim isso existe, não com tanta frequência mas ainda infelizmente existe.

A educação na época que Renata estudava se tratava não apenas de uma educação explicitamente autoritária mas também violenta, tanto fisicamente quanto psicologicamente. O professor era considerado o detentor do saber e, por isso, tinha um lugar de poder, que o assegurava a tomada de decisões e de metodologias de ensino adotadas em sala, que poderiam incluir também diferentes tipos de exploração e violência. Segundo Freire (1987), essas práticas estariam ligadas inclusive à posição de opressor.

As marcas da educação autoritária são incontestáveis, os alunos que passaram por tais situações guardam em suas memórias as cenas e o tratamento ditador que lhes era imposto como vemos nos enunciados de Renata e Maria. Dentre os entrevistados, Pedro também conta momentos em que um de seus professores do ensino fundamental utiliza de sua posição de autoridade para oprimi-lo:

Então como ela passava muito tempo com a gente eu lembro que eu estava de manhã das 7:15 às 12h, era sempre ela só e algumas aulas de especialistas, então era muito tempo na sala com ela e era sempre bronca, bronca e nunca era na base da conversa, era sempre na exposição, sempre na pegada mais dura, então respondendo a pergunta: era no silêncio e na tensão assim.

Percebe-se então que o abuso do poder se torna algo rotineiro para o professor autoritário e sua didática vai contra qualquer tipo de diálogo, Pedro continua relatando:

Isso mesmo, não tinha diálogo, era ela que deixava claro que era mais velha e o maior poder ali na sala era dela, mas eu acho que tem que haver um diálogo né, “porque que você fez isso” “porque aconteceu isso” não tinha, você fez, acabou e tome, era assim e foi o ano inteiro assim.

É direito de todo cidadão a liberdade de expressão e, portanto, que se comunique, especialmente quando se trata de crianças, que dependem da socialização para um melhor desenvolvimento de sua aprendizagem. A curiosidade dos alunos deve ser desafiada e incentivada, utilizada como um meio de instigar a busca por conhecimento. Quando um docente não cumpre com seu papel de incentivador, seus alunos perdem o interesse em aprender, se retraem e perdem sua autoconfiança para se expressarem e participarem ativamente da sociedade na qual estão inseridos. Acerca disso, Maria comenta:

Eu acredito que o impacto maior está relacionado ao comportamento, em geral e a pequeno prazo, eu acho que diversas questões podem ser observadas na criança, em segurança, como eu te disse, será que a criança ela vai sentir segurança em tirar uma dúvida, será que ela vai estar à vontade nesse ambiente, eu acredito na verdade, eu acho, não, eu acredito que também possa aparecer dificuldades relacionadas a conteúdos pedagógicos, no relacionamento com os colegas, com professores e pensando a longo prazo, uma criança que vivenciou um ambiente autoritário ela tem grandes chances de se tornar um adulto inseguro e que não desenvolveu importantes habilidades para sua vida social.

Conhecida como educação bancária e analisada diversas vezes por Paulo Freire, também pode ser considerada uma característica marcante e negativa presente na postura tradicionalista autoritária. Um tipo de educação que desconsidera o conhecimento dos alunos e toma como verdade que apenas o educador é detentor de todo o conhecimento presente em sala, uma revitalização da postura passiva dos educandos, que como dito anteriormente, visa formar mão de obra alienada e suscetível a uma sociedade ditadora. Por conseguinte, o homem se torna escravo dele mesmo e do outro que o oprime, passa a aceitar a realidade como ela é e deixa que outros decidam seu futuro, não há luta ou revolução, o afastando da tão sonhada libertação.

No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais

da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. (FREIRE, 1987, p. 37)

Quando se imagina a figura de um professor, logo vem à mente uma presença imponente, de respeito, detentora de demasiado conhecimento e que representa uma orientação para seus aprendizes. Frequentemente, o desejo por ser visto desta forma é que corrompe a conduta de um educador e o transforma em autoritário, a ânsia por ser respeitado e reconhecido o faz buscar diferentes práticas e formas de educar, dentre as quais o autoritarismo se mostra o caminho mais fácil. O instinto humano de agir com dominação violentamente, oprimindo, calando, humilhando ou comandando, por vezes pode acabar sobressaindo. Na mesma fala de Maria, exposta anteriormente, podemos observar tal pensamento:

*Eu acho que no início da minha carreira eu mesma já algumas vezes agi com autoritarismo, eu **acredito que eu buscava ali ter uma ordem na sala de aula.***

Renata também cita essa busca pelo respeito que a preocupa em sala de aula e a forma como lida com tal questão, incentivando a existência de uma hierarquia:

*Na minha aula e em relação ao respeito, eu acredito muito nessa hierarquia aí, quando a gente fala hierarquia também não é no sentido né, que só eu mando mas que existe uma diferença de idade né, aquela questão do professor ser mais velho, uma **relação de respeito né...***

A educação autoritária é um ciclo vicioso originário do passado e perpetuado por profissionais conservadores ou carentes de orientações. Desta forma, também é responsabilidade de seus coordenadores pedagógicos, gestores ou professores, que orientem tais profissionais encerrando tal ciclo. É fundamental que existam formações direcionadas para evitar que o autoritarismo continue sendo reproduzido nas escolas, a sociedade evoluiu e aos poucos espera-se que percebam que tais práticas não possuem mais espaço nas escolas, os alunos devem ser protagonistas em suas construções do conhecimento e não meros depósitos.

Uma sociedade funcional e justa é constituída por indivíduos críticos e pensantes, instruídos acerca dos direitos humanos e dispostos a lutar para defendê-los. A educação humanitária e democrática possui como obrigação instruir as novas gerações de forma igualitária, colocando o respeito acima de tudo, dando espaço para que os educandos possam expor suas dúvidas e suas opiniões, mesmo que as últimas

possam ir contra as crenças pessoais do próprio educador. É de extrema importância e necessário que o aluno tenha seu lugar de fala, que além disso o mesmo seja incentivado a questionar, que a sua curiosidade seja aguçada e que sua participação dentro da instituição escolar seja real, que possa provocar boas mudanças. A escola deve representar a comunidade que a cerca, portanto, a relação professor-aluno deve ser baseada na confiança e respeito mútuo.

A melhor forma de ir contra os modelos de educação autoritária é adotar posturas que coloquem em prática a participação do aluno, democratizando todo o processo de ensino para que possam se formar educandos ativos, críticos e reflexivos, que saibam lutar por uma sociedade livre e liderar revoluções, que busquem a emancipação da atual sociedade, escravizada por meio da própria educação.

A valorização da cultura local também faz parte deste importante processo de emancipação, pois cultura é conhecimento, é o enaltecimento das pequenas comunidades que constituem a massa populacional de um país. Aqueles que foram marginalizados, excluídos ou esquecidos pelo mercado de trabalho, aqueles que vivem onde as oportunidades não os alcançam, aqueles que lutam todos os dias para sobreviver, são esses que se deve valorizar, que devem ser incluídos e lembrados pela educação, pois esse é o melhor caminho para que as mudanças os alcancem. É por meio da educação democrática dos oprimidos que a libertação chegará.

A escola é o local apropriado para o desenvolvimento de grandes poderes e grandes responsabilidades, mas a mesma é constituída por uma família, um grupo de funcionários unidos que devem estar dispostos a fazer a diferença para a comunidade e com a comunidade, buscando diferentes formas de evoluírem juntos, para que suas crianças cresçam conscientes de seus direitos, suas lutas e seus poderes. É este espaço que precisamos para uma educação libertadora, e relações que não oprimam, não escravizem indivíduos em suas próprias inseguranças; ao contrário, que os libertem, valorizem, conscientizem e auxiliem na evolução do coletivo. A educação não deve ser seletiva, deve ser para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de pesquisa aqui intitulado como: “O autoritarismo docente no ensino fundamental” foi abordado de forma qualitativa e teve como objetivo compreender, a partir das vozes de alunos e professores, como eles percebem a relação professor-aluno e de que forma essa relação os afeta de forma geral. Realizamos uma entrevista

semiestruturada com dois docentes e um ex-aluno visando compreender quais os efeitos que uma postura docente autoritária pode causar nos sujeitos que a vivenciam.

Percebemos que o autoritarismo docente continua crescendo dentro das instituições escolares e pouco se fala sobre o mesmo. Os relatos de Maria e Renata nos fizeram refletir sobre como agimos enquanto estagiárias e futuras pedagogas em sala e nos identificamos com suas jornadas, em que, muitas vezes, a falta de conhecimento ou experiência nos fazem recorrer ao fator do medo e da intimidação.

Considerando todas as experiências e aprendizados que tivemos neste trabalho, como pedagogas em formação, refletimos sobre a forma que podemos lidar com diversas situações sendo coerentes e justas, destacando que o autoritarismo pode marcar não só nossos alunos, mas também nós como professores, trazendo inúmeras consequências negativas para a formação e desenvolvimento de cada um dos envolvidos.

A educação é muito mais que ditar ou impor regras. Uma educação opressora tende a formar cidadãos inseguros e futuros opressores, ao passo em que uma educação libertadora, tende a formar futuros líderes democráticos e conscientes.

REFERÊNCIAS

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educar para quê?** Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 47-60. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180785/lp2001_FLEURI_Educar_para_que.pdf?sequence=1

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura) Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>

